

# benjamim

Órgão de Divulgação Cultural.  
Distribuição Gratuita

Editores:

ANTONIO HOHLFELDT

CARLOS CARVALHO

CÉSAR PEREIRA

LUIZ DE MIRANDA

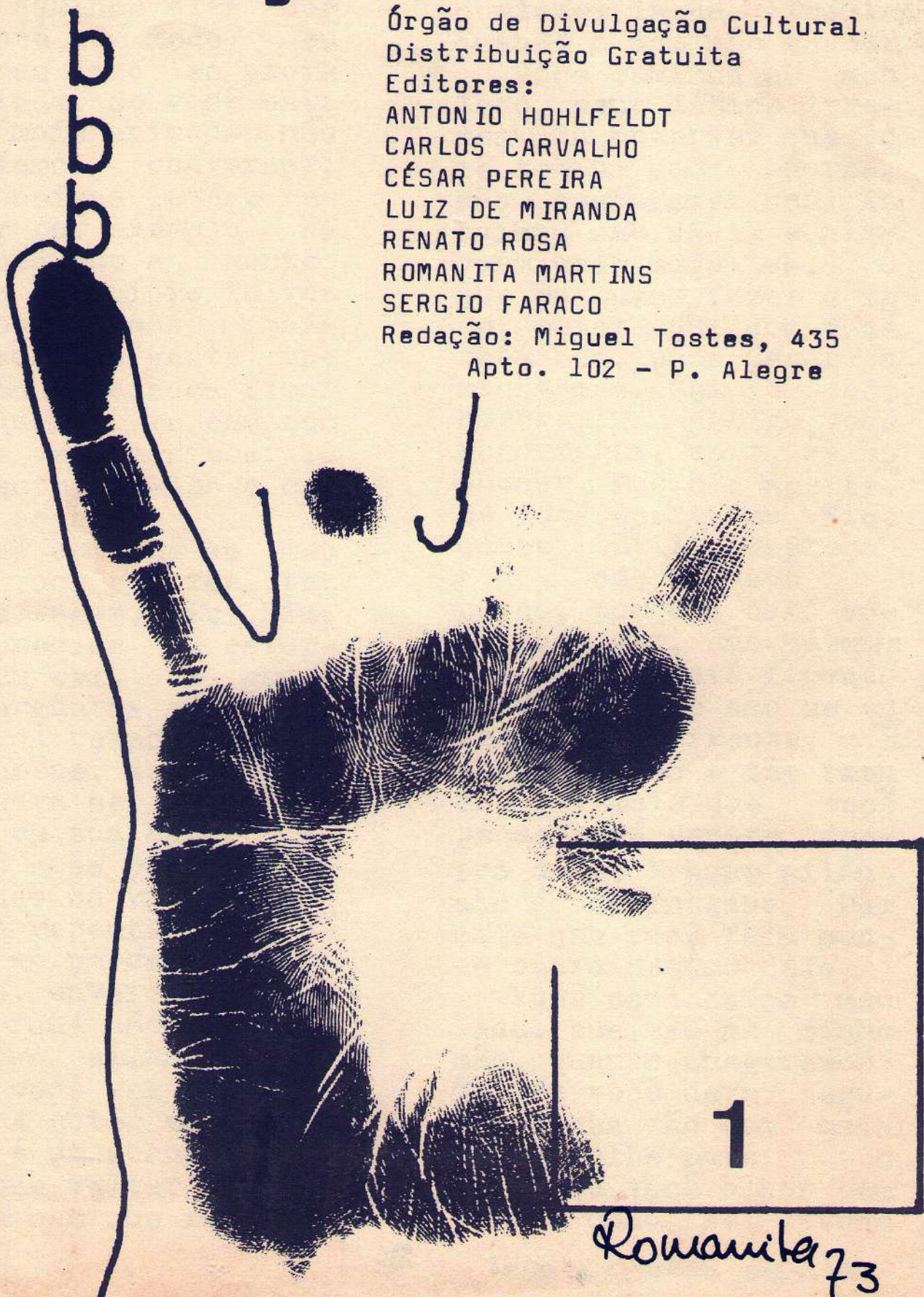
RENATO ROSA

ROMANITA MARTINS

SERGIO FARACO

Redação: Miguel Tostes, 435

Apto. 102 - P. Alegre



## O MURO

Você caminha ao meu lado, procura minha mão e eu a recuso. Não é necessário, nós não temos outro caminho além desse. Você tem medo, eu sei, mas isso só piora as coisas. Se você estivesse mais animada nós poderíamos conversar, dizer coisas leves, recordar por exemplo as bobagens que a gente fez no princípio. Talvez o tempo passasse mais depressa e a gente então não precisava ficar pensando e repensando no que vai acontecer lá na frente, quando o caminho acabar.

Você caminha ao meu lado, você precisa ter mais coragem, viu? Sim, você precisa se esforçar. Eu sei, a gente faz perguntas que já fez e dá respostas que já conhece. Aquilo que precisava ser vivido já o foi em sua hora. As coisas e as pessoas vão passando na vida da gente. De repente você olha e vê um caminho estreito, envereda por ele porque não tem mesmo outro caminho. Com sorte você vai com alguém. E então vê que a volta é um sonho e que não pode voltar nem que queira nem que reze nem

que se acorde depois de pensar que tudo é sonho. E o pior é que você não sabe o que está por acontecer lá na frente, quando o caminho acabar.

Você caminha ao meu lado, seus lábios tremem, já observei que você tem um medo enorme. Não posso fazer nada. As coisas são assim e ninguém pode mudá-las. O que eu posso fazer é isso, estar aqui com você. Está bem, pode pegar a minha mão. Sempre pode haver algum perigo, você escorregar, cair, se machucar. Mas não aperte. Se você aperta eu fico quase inútil, despreparado. Todo cuidado é pouco, porque, como você pode ver, não há mais sol e tudo está ficando escuro. Quase não se enxerga lá na frente. É essa solidão é tão imensa. Por mais que você pense está sempre dentro dela. E esse silêncio é tão intenso. Por mais que você fale nunca entra dentro dele.

Você caminha ao meu lado, sua mão na minha mão, quando chegaremos? Talvez você deva segurar minha mão com mais força. Olhe para o chão. Se você olhar bem para o chão, se você

deixar que seus pés se arrastem pelo chão, vai notar que agora andamos em caminhos diferentes e uma pequena saliência se eleva entre nós dois. Desconfio que seja um muro, lá onde a gente não enxerga. Não sei se poderemos nos ver e é bem possível que não possamos nos falar, lá na frente. Não tente vir para o meu caminho, não há lugar. O seu é assim? Não, não responda, eu sei.

Você caminha ao meu lado e sempre resta o consolo de estarmos juntos, de mãos dadas. Vamos conversar. Vamos começar tudo de novo. Sempre se pode pensar que nada mudou, que isso é apenas um longo passeio no sono, passeio como nos tempos, como nos campos em que não havia esse caminho nem essa obrigação de percorrê-lo. Vamos pensar que somos jovens, fortes, que nossos corações estão inquietos como no instante do primeiro beijo. Foi no umbral, você lembra? Tremíamos de medo. E não era medo. Era a seiva palpitando.

Sim, vamos começar tudo de novo. Não, não tenha medo. Vamos. Experimente. Tente comigo.

A gente dá o nome de vida a este desejo. Mas é preciso que o desejo seja grande, muito grande. Por que você não fala? É preciso que a gente fale sem parar, porque nunca se sabe o que vai acontecer no momento seguinte. O muro já nos bate nas pernas, não é mesmo? Ainda temos algum tempo. Fale, fale comigo, junto comigo. É assim. As coisas são assim. Nada se pode fazer. É um absurdo, eu sei. Mas tudo é assim. Não pense, é pior. E não trema, por favor, que eu não posso ver você tremer. Chegue mais perto, não estou vendo seu rosto, onde está você? Você não deve largar minha mão logo agora, nessa escuridão. Não, Não, não me deixe. Sinto frio. Tenho medo. Você fica? Oh, você fica?


Então grite, por mim, por você, grite, grite, que eu vou gritar também.

JORNADA

Cesar Pereira

Nesta hora seca e desprovida  
armas não uso  
Guardo o gesto  
abdicado às cavilações

Tenho o canto limpo  
e franquia na fala  
Estou além da bala  
e seu conchavo  
embora o açoite na lapela  
o grito medido  
o crédito cortado



Palmo a palmo  
escalo o que me cabe  
nessa jornada  
onde rejeito a mordaca  
a cabala  
e a sevícia dos gumes

Não tenho trincheiras  
nem recursos vários  
O que sou  
está no curso  
de mim mesmo  
onde cavo a esperança

Já não lembro a época do ano mas deve ter sido no verão. Nos fundos do Museu Histórico, perto da Krásnaia Plóshad, dei com os olhos num estranho anúncio colado num muro. Digo estranho porque, naturalmente, estava escrito em russo, e chamou minha atenção apesar de eu mal soletrar o idioma da terra. Levei alguns minutos para ler: FI-RA-CI-CA-BA. Era nada mais nada menos que o nosso XV de Piracicaba, num match amistoso contra a Seleção Soviética.

Me reuni com outros estudantes brasileiros em Moscou, e, no dia, estávamos todos no Estádio Lênin com uma pequenina bandeira do Brasil.

No primeiro minuto do jogo o centro-avante do XV deu um petardo no travessão do Yáshin e a gente começou a fazer uma algazarra infernal, gritando Brasil, Brasil, gozando os dribles e distribuindo filho desse e daquela por cada

lateral que nos rouba - vam. O barulho era tanto que depois de certo tempo a torcida russa ali perto deixou o jogo de lado para nos olhar, curiosa e admirada. Até um carnavalzinho a gente fez.

Quando o jogo terminou todo mundo estava roubado e um jogador do XV veio até a beira do gramado e nos atirou um beijo com as duas mãos. Foi uma atitude muito bonita e nós paramos de gritar para bater palmas.

Pena que, no jogo, o XV tomou três a zero.

**MEMORIAL**

LUIZ DE MIRANDA

IEL

1973

AH! AH! AH!

Um homem, tendo meditado muito sobre as vicissitudes da vida, decidiu não mais sorrir. Instado pela esposa e filhos, respondia: uns ganhavam muito, outros pouco; uns tinham tudo, outros nada; alguns eram felizes, outros nunca; ele estava sempre no segundo grupo, logo não havia por que rir. A vida fechara-lhe as portas. Ele fecharia a cara à vida.

E tal empenho pôs na decisão que, com o passar do tempo e sem o devido uso dos músculos da face, acabou por tê-la transformada em máscara. Os rogos da mulher, as súplicas dos filhos não conseguiam romper, por um segundo, a carranca assumida.

Nem para comer movia a boca. Fechado no quarto, só abria a porta para receber os caldos e sucos que a mulher trazia. Bebia por um canudinho, introduzido na minúscula fenda orbicular. Com os anos até mesmo o falar abandonou.

E estava assim ensimesmado no retiro, quando a mulher, um dia, foi buscá-lo, mais os filhos. Arrastado para a sala, amigos e vizinhos o esperavam. Em coro deram a notícia: o bilhete que a mulher com-

## Conto de Carlos Carvalho

para estava premiado. Era a fortuna.

Todas as bocas se abriram num riso único, a casa agitada pela alegria comum. Só ele ficou impassível. Sério, quando tudo regozijava, suplicaram-lhe um sorriso. Pequeno que fosse.

Não posso, escreveu num pedaço de papel. Ainda assim, obrigou-se a tentar. Mas os músculos desacostumados não obedeceram, o sorriso desaprendido se recusou. Os vizinhos insistiam, os filhos faziam graças, a mulher chorava.

Forçou mais. E forçando, se viu refletido no espelho da cristaleira: o rosto inchado e sanguíneo, molhado de suor, a boca torcida, em esgar, os olhos saltando das órbitas. E as caras que o rodeavam, tensas, na expectativa. A gargalhada, então,

começou a formar-se no peito estufado. Crescendo, atingiu a garganta, sacudiu-o todo. Gorgolejou selvagem e, num arranco, saiu-lhe em forma de espuma e sangue pela boca de súbito escancarada. Antes que pudessem fazer alguma coisa, caiu morto.

O médico atestou enfarte e edema cerebral. A família encomendou enterro de primeira. Vizinhos caridosos tentaram fechar-lhe a boca. Inútil. Apesar do lenço amarrando o queixo, ela se negava a voltar ao estado normal.

À noite, no velório, a pedido de amigos mais chegados, a viúva mandou fechar o caixão. A gargalhada do morto, ainda que muda, era um escárnio ao respeito que se impunha.



Tradução de Carlos Carvalho

A palavra **TEATRO** é para mim sinônimo de **UNIÃO**.

Fala-se muito desta união, desta "comunhão" entre ator e espectador e, no correr dos últimos decênios, um dos problemas maiores dos homens de teatro tem sido a necessidade de fazer desaparecer essa barreira, esse vazio, esse espaço, real ou psíquico, que separa o que olha do que é olhado.

Que ator já não sofreu profundamente esse racismo que isolava o homem sentado no escuro com suas vestes quotidianas, dele, tr vestido e inundado de luz? Como abolir isso, como encontrar, como realizar essa união? A solução do problema, creio, está longe.

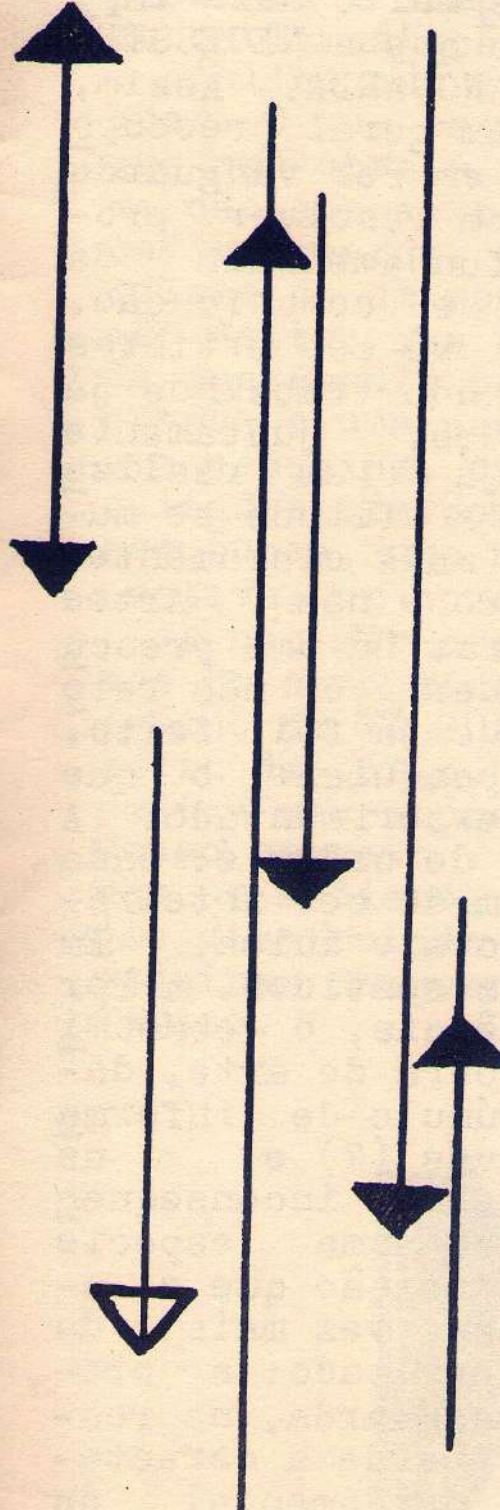
Num dia de depressão, em que toda a humanidade me parecia longínqua e hostil, um amigo, a quem fazia confidências, me disse: "Como queres estar em paz com os outros, quando não estás em paz -

contigo mesmo?"

0

Como, pois, o ator encontrará essa união com o público, se ele não descobre, antes, a unidade das diferentes partes do seu ser? Fusão íntima do coração e do corpo, da cabeça e dos músculos, linguagem total em que a mão é signo, em que o tronco dança, em que a palavra se torna um dos componentes desta orquestra completa que é o ser humano. Ator cujo pensamento está na ponta do pé e cujo sopro passa pela coluna vertebral, cujas cordas vocais se tornam harpa a serviço de um corpo inteiro que não conhece mais a dissociação.

No começo do século Serge Diaghilev revolucionou o mundo do teatro apresentando obras que reuniam os maiores pintores, escritores, coreógrafos, compositores numa obra comum; e, em seguida, todos nós procuramos esse famoso "teatro total", em que o canto prolonga a dança, em que a escultura rivaliza com as artes cinéticas, em que todo o espectro dos meios técnicos atuais se desenvolve - num grande espetáculo.



O que lembro de dezembro  
é um terreno sem herdeiro  
a mesa vazia  
e os olhos de minha mãe  
abandonados

Cheguei a dezembro  
nutrindo nas raízes  
a fome  
e um nome dissonante

Alço minhas armas  
onde travo meu exílio  
e minha pátria  
é uma casa destelhada

Não inventem dezembros  
os meses são iguais  
distintos os momentos  
e este dói na memória  
como torneira de fel

O que lembro de dezembro  
são facas no ar  
sua denúncia de fio e fúria  
e a vigília que transporto  
em silêncio

(do livro "Memorial")



As artes no Brasil, no último decênio, de uma forma quase geral, levantaram o estandarte da vanguarda. E lutam por um lugar ao sol, com dano, é verdade, mas, na maior parte, com uma atitude tão rídicula e impostora que envergonharia o mais elementar falsificador. Explico: uma vanguarda só existe em função de uma necessidade, consequência de um desgaste, de um esvaziamento inevitável. A ciência, por exemplo, ao estudar um problema, face à necessidade da solução, utiliza as pesquisas até então realizadas e as desenvolve, acrescentando algo mais, propondo hipóteses que ultrapassam até o limite da fantasia. Está, pois, estabelecida uma vanguarda científica, que logo será destronada, é verdade, pelo acréscimo de novas proposições, pelo estabelecimento de novas angulações. Mas tudo baseado em pesquisas anteriores.

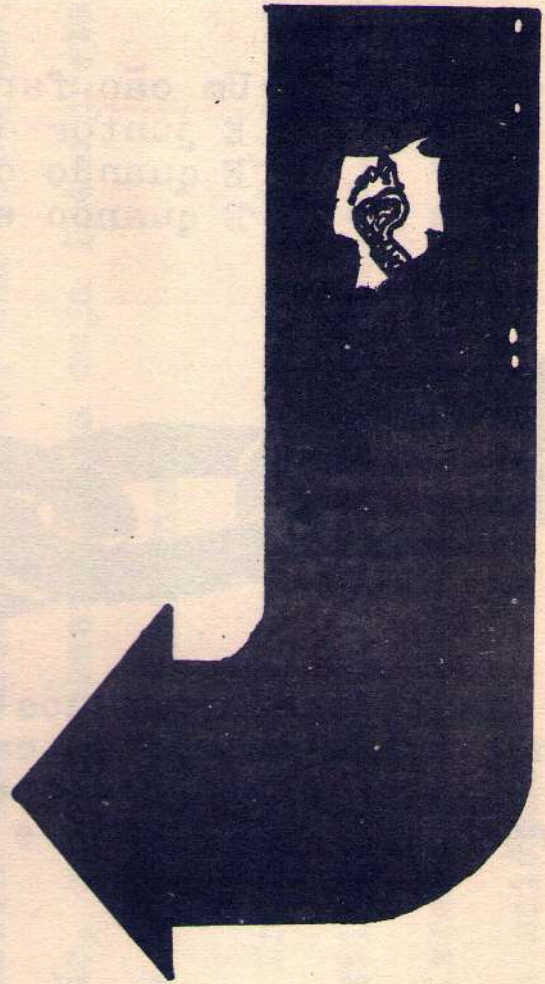
E a arte? No Brasil, o que se constata é que A NECESSIDADE DE SER VAN

GUARDA é muito mais imperiosa do que a NECESSIDADE DA VANGUARDA. Assim, a arte em geral preocupa-se mais em ser vanguarda do que em resolver problemas fundamentais da estética e comunicação. O que se vê são artistas desprezando trabalhos já realizados, justamente porque já foram realizados. Esta atitude se manifesta mais claramente no Teatro e nas Artes Plásticas. Há uma preocupação pueril em não retomar o que já foi feito, em não pesquisar o que já foi experimentado. A palavra de ordem é: cada obra tem de ser inteiramente nova e única. Em todos os sentidos. Por consequência, o consumidor da obra de arte, dado o acúmulo de informações novas (?) e, na maior parte, inconsequentes, fica numa espécie de intoxicação que o afasta cada vez mais da arte. Resultado: a pretensa vanguarda, na realidade, perde a característica fundamental da verdadeira vanguarda, que é abrir caminhos. O que se constata, então,

são artistas fazendo pro  
posições a esmo, esmur -  
rando o vazio, para, ao  
final, consolar-se na i-  
lusão de que a vanguarda  
é sempre incompreendida,  
ou na lamentação de que  
o público não sabe o que  
quer. O que esquecem é  
que uma obra é inovado-  
ra não apenas por querer  
ser vanguarda, por fazer  
coisas de um modo ainda  
não feito; mas é vanguar-  
da justamente porque se  
propõe a uma análise, a  
uma pesquisa, cujos re-  
sultados trarão, por con  
sequência, uma nova pers-  
pectiva, um novo caminho.

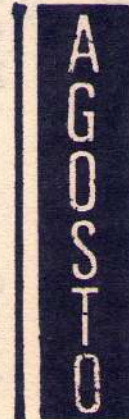
A não ser assim, tere-  
mos (e como temos!) uma  
legião de VANGUARDA, uma  
série de obras, interes-  
santes mas inúteis ao  
nosso contexto, ou ape-  
nas um modismo, um plá-  
gio dissimulado de ver-  
dadeiras vanguardas ex-  
ternas.

Leia e passe adiante



a ópera  
dos 3  
vinténs

clube de cultura



ENDOSSO

Cesar Pereira

Um cão fareja-me o andar e o canto  
E juntos disputamos a ração.  
E quando o cão almoça eu não janto  
E quando eu janto não almoça o cão.



O tempo escorre em nós o mesmo pranto  
Onde cantamos uma só canção.  
E cada um carrega seu espanto,  
Presos ao mesmo jugo e solidão.

Afoito, mas servil e bitolado,  
O cão com seus caninos eriçados  
Não vai além do grito e de seu osso.

Oposto ao cão construo minha quilha  
E neste mar onde me faço ilha  
Estou além do cão e não me endosso.

Não estaremos em erro?

Reunir não significa, forçosamente, unir. A essência do teatro é o ator, pois que tudo pode ser suprimido - cenário, figurino, até mesmo o texto - menos ele. Que ele, o ator, cesse, então, de ser esta máquina de falar, que se lembre de que nas nossas vilas já os brinquedos de roda uniam o canto e a dança. Que ele seja o escultor de seu corpo, o pintor de suas emoções, o sacerdote do seu sacrifício. Que ele esqueça de FAZER para SER. Estará, então, a ponto de desaparecer nos ares dançando, num total despojamento. E será aquele, então, que se observa e em cuja interpretação traduz as aspirações e os movimentos internos.

Essa fronteira que nos separa do público, não se quebrará enquanto subsistirem barreiras em nós próprios, e enquanto ficarmos falando de diferentes formas de teatro, sem pensar que tudo nos impulsiona para a unidade.

● benjamim precisa ser lido por muitos. portanto, leia e passe adiante.

PORTO ALEGRE - JUL - 1973